

A FORMAÇÃO DO DISCENTE CAMPONÊS NA UERN

ANA PAULA MARINHO DE LIMA

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN. E-mail: Ninapaula01@hotmail.com

Introdução

Este texto nasce de uma pesquisa realizada na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte¹, na cidade de Mossoró desde o ano de 2010 à 2014. Com o foco nos alunos do curso de pedagogia vindos da zona rural de toda a região do Estado do Rio grande do Norte e Nordeste, e nos professores da Faculdade de Educação da referida universidade, nosso objetivo é refletir a academia como um espaço pertinente a troca entre os saberes, onde as plurais culturas oferecem a possibilidade da articulação entre esses saberes, fazeres e sentires como recurso para a ação, bem como para o ensino e a aprendizagem compartilhados, pois entendemos que, sendo a academia um local aonde circulam saberes e histórias de vida de seres diversos e diversificados, ela assume para se a responsabilidade de praticar a inclusão e a diversidade com o foco numa formação contextualizada, capaz de preparar o alunado para além dos desafios da sala de aula.

Para esse texto resgatamos as memórias, as histórias de vida dos discentes camponeses focando na sua formação na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Centramos nossas discussões numa formação inclusiva na perspectiva da diversidade cultural em uma academia ainda cartesiana, aonde os saberes cotidianos de pessoa simples, parecem ser um “acessório” a parte do sujeito quando o assunto é o conhecimento científico

¹ O projeto de pesquisa A “palavramundo” camponês no curso de Pedagogia: o doce sabor e busca de encontros e trocas na “dança” dos saberes na universidade é coordenado pela Profa^o Dr. Ana Lúcia Oliveira Aguiar na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), e financiado pela Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Norte (FAPERN).

Nesse contexto, a investigação proposta pela pesquisa tem sua metodologia inspirada nos ensinamentos de Paulo Freire (1996) cuja pedagogia decorrente é aquela que tem que ser forjada com os sujeitos e não para eles. Para erguer e analisar a experiência de discentes camponeses, seus saberes do campo, no cotidiano da sala de aula, juntamos a metodologia da História Oral, bem como, a pesquisa qualitativa, com as histórias de vida motivando os discentes camponeses para que relatem sobre os saberes e ensinamentos com o cultivo da terra, com o cotidiano do campo, a relação com a família.

Logo, o projeto tem como campo de pesquisa a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte- UERN na cidade de Mossoró, precisamente o curso de Pedagogia da Faculdade de Educação- FE. Sua amostragem engloba 20 (vinte) dos discentes camponeses matriculados entre o 1º e 8º período, e 07 (sete) professores, correspondendo a um de cada período. Todavia, trazemos as vozes de 03 (três) discentes camponeses do curso que nos cativou por sua forma de narrar suas experiências na terra, sua luta perante os desafios para estudar, Os nomes das discentes voluntárias que nos narraram suas experiências serão fictícios, e obedecendo ao acordo feito com as mesmas as chamamos de Licuri, flor do Sertão, e Asa branca. As narrativas construídas pelas discentes seguiu uma serie de temas que serviram para nortear as discussões. Dentre eles foram escolhidos dois temas pertinentes para entendermos como acontece a formação desses sujeitos na academia. Os temas foram *-narrar sobre os saberes trazidos pelos discentes camponeses e o diálogo com os saberes da academia, - Narrar sobre sua história, memórias, com as experiências, o sentimento de pertença, de ser do campo, na escola básica e na universidade.*

O campo, seus saberes e experiências: caminhos trilhados pela universidade

O projeto A “palavramundo” camponês é o pioneira no âmbito da UERN em lançar seus olhares para os saberes do homem do

campo, sua inclusão na academia, bem como, em ouvi-los trazendo para o nosso convívio histórias de vida “costuradas” nas aprendizagens da luta cotidiana no campo.

Até o presente momento o discente camponês do curso de Pedagogia tem um perfil construído em meio à cultura da panela de barro, da inchada, da carroça como principal meio de transporte. Essa singela apresentação desses sujeitos se faz pertinente devido às mudanças que o modelo capitalista vem causando no meio rural, não só no Brasil mais no mundo, reduzindo o campesinato a uma classe subordinada inserida nessa sociedade capitalista (MARQUES, 2008), tornando o camponês que planta manualmente e apenas para seu sustento como ultrapassado.

No entanto, o que podemos acompanhar com as narrativas das discentes voluntários da pesquisa é o seu desenvolvimento como filhas de camponeses, ainda em costumes simples, sem a presença de aparatos tecnológicos, por exemplo, na hora de plantar os grãos. É desse contexto que vem os discentes camponeses do curso de pedagogia e são esses saberes que fazem a diferença, que os tornam cada vez mais fortes e decididos a vencerem os desafios da vida.

Foi possível perceber com a realização da pesquisa que quando os discentes vindo do campo chegam à universidade trazem como meta estudar para se tornarem “gente”, esse pensamento é unânime entre os voluntários podendo ser interpretado como uma maneira de demonstrar que os conhecimentos, as experiências camponesas não são reconhecidos pelos os próprios discentes como um elemento a mais para sua formação.

Esse pensamento é alimentado ainda mais pela falta de assuntos referentes ao campo no decorrer das aulas.

Ainda foi possível observar em respostas à primeira questão – *Falar sobre os saberes trazidos pelos discentes camponeses e o diálogo com os saberes da academia* – que os discentes entendem que os saberes do campo por serem do sensu comum não são va-

liosos para academia, que por sua vez, abre suas “portas” apenas para saberes comprovado cientificamente, de pesquisadores já experientes.

É que esses saberes eles são confrontados com os saberes científicos, científicos no sentido de ter um aporte teórico, e porque muitas vezes esses saberes camponeses eles são do censo comum, das vivências, diárias do seu cotidiano no campo. (LICURI, aluna do 8º período do curso).

Esse trecho da narrativa de Licuri versa sobre a “devoção” que a academia tende a destinar ao saber científico, como o que de fato vai ensinar aos camponeses as técnicas, as teorias e como fazer. Ora, as aprendizagens dos campesinos vêm das experiências concretas adquiridas na luta cotidiana com a terra, de saberes os quais vêm se construído há décadas e que não podem ser postos a margem como se nada tivessem para contribuir com a formação dos camponeses, muito pelo contrário, é saberes vindos de homens e mulheres cuja sabedoria vem da estreita relação com a natureza, do saber plantar e colher para se alimentar, do conhecimento das ervas medicinais, das plantas venenosas que se escondem entre os matos, por isso, é certo afirmar que não existe um mestre que ensina e um aprendiz que, estando vazio, só recebe o conhecimento. A esse respeito argumentamos com Freire (1981) que “eles (os discentes camponeses) não devem ser considerados como ‘vasilhas’ vazias nas quais vá se depositando o conhecimento dos especialistas, mas, pelo o contrário, sujeitos, também, do processo de sua capacitação”.

Já a narrativa de Flor do campo acompanha os sentimentos de Licuri. Para ela não há relação alguma quando o assunto é suas experiências no campo. Porém, há um pequeno trecho em sua fala que nos chamou a atenção e que pode ser visualizado logo há baixo em destaque.

Assim, em relação a esse diálogo entre os saberes da academia como os saberes que a gente traz do campo não vejo re-

lação [...]É meio que, um saber “fora parte” do que você deve aprender na academia. E já os conhecimentos aprendidos na academia já parte mais pra o científico, pra saberes comprovados que já foram estudados há séculos atrás. (FLOR DO CAMPO, aluna do 8º período do curso).

Em suas palavras ela está dizendo que há uma separação entre os saberes. Ela sente, ver que não estão respeitando suas identidades camponesas como ferramenta de formação. Essa observação acaba por coloca-la diante sua história de vida no campo apenas como uma lembrança feliz, onde se divertia e trabalhava com os irmãos no roçado deixando a margem do esquecimento o poder formativo que os seus saberes de terra traz. É como se tivesse que apagar da memória, mesmo que por um tempo, esses saberes para adquirir o saber que a partir de agora a transformará em um novo ser, mais capaz, mais inteligente e decidida diante os desafios da vida e assim, vai se esquecendo de que os conhecimentos científicos e as experiências empíricas dos camponeses estão condicionados a história de seu tempo e dos tempos passados, bem como, as manifestações culturais de todo um povo (FREIRE, 1981).

Ainda pode-se observar que cada letra pronunciada pelas discentes soava como uma a tomada de consciência de que seus saberes camponeses não são citados em sala de aula por não ter um poder formativo, e mais, o valor ofertado ao saber científico como sendo o que “serve”, o que forma acaba por alimentar nesses sujeitos um sentimento de rejeição dificultando dessa maneira sua inclusão na universidade.

Cabe salientar, que essa não é a educação para o homem do campo que buscamos, fora de seu contexto histórico-social. A educação que este trabalho defende está pautada nos pensamentos de Freire (2005) quando nos diz que não existe uma educação desvinculada do mundo, onde o camponês estar inserido, caso isso aconteça, está sendo negado a esses sujeitos o direito de ser, antes de tudo, homens e mulheres históricos que por centenas de anos vem

escrevendo suas histórias deixando para as gerações futuras um legado cultural responsável por caracterizar os povos desse país.

Toda via, é nesse contexto de luta por seus direitos, por respeito a sua identidade cultural que pedimos para os discentes camponeses – *Narrar a sua história, memórias, com as experiências, o sentimento de pertença, de ser do campo, na escola e na universidade.* A essa segunda questão suas respostas viajaram ao campo de anos atrás, de quando ainda eram crianças e corriam pelo terreiro em busca de aventura, do plantio na terra junto com a família.

E entre uma narrativa e outra fomos observamos que os sentimentos das discentes são de pertença, nenhuma pretende “rengar” sua origem campesina, com a família de hábitos simples construídos na luta diária na terra. Licuri que tem 26 anos e que no ano de 2010 veio morar na cidade devido os estudos expressa muito bem o seu sentimento de pertencer à cultura camponesa almejando que esses saberes fossem além do homem do campo.

[...] Seria importante pra que a população urbana reconhecesse e pudesse conhecer um pouco mais sobre as vivências, dos conhecimentos do camponês. E que os saberes da experiência meu como camponesa, eles são valores que vão passar a minha vida, acadêmica, eles vão estar pro resto da minha vida. (LICURI, aluna do 8º período do curso).

O sentimento de ser reconhecido, valorizado por ser do campo e trazer muitas aprendizagens agora é perceptível na fala da discente. Ela quer sentir-se parte do mundo da academia, aprender com ela mais sem perder sua essência, visto que, cada vez mais distantes de casa e totalmente inseridos no mundo urbanizado é plausível que vão ficando para trás valores, costumes aprendizagens que só aqueles que foram educados no campo apresentam, e dessa maneira também vai se perdendo com o tempo a cultura do homem camponês, pois, eles estão sendo tragados pela cultura urbanizada, sua forma de viver pautada num regime de lucros

Não queremos dizer que os camponeses, por vontade própria, não podem escolher um novo estilo de vida, novas maneiras de se portar distintas de sua cultura, no entanto, que seja uma escolha ao invés de uma opção para sobreviver. Não é justo excluir esses povos por correrem o risco de se tornarem arcaicos por não ceder ao modo de vida de uma sociedade consumista e que por esse motivo acaba por renegar seu povo.

Além disso, as narrativas nos mostra que os discentes camponeses do curso de pedagogia querem ser ouvidos sobre sua terra, seu cotidiano, de como é a educação no campo e quais os motivos os levaram até a escola na cidade e gradualmente a universidade, bem como uma formação que os preparem para voltar ao campo e dessa maneira ajudar sua comunidade, pois, ao narrar suas histórias de vida esses sujeitos tem a oportunidade de olhar para si, desta vez com um olhar crítico, reflexivo perante sua participação diante as situações vividas.

Segundo PASSEGI (2008) “Os fios que se tecem e se entrelaçam nas narrativas que se seguem são bastante reveladores do quanto à escrita se constitui num instrumento de expressão, de reflexão e expansão de si”, sendo assim, a cada memória resgatada, os discentes camponeses não estão apenas buscando por lembranças, mas refletindo sobre elas, sobre situações vividas que também são responsáveis por suas decisões, ou a falta delas, responsáveis pelos seus sentimentos, por exemplo, de angustia por não ser valorizada como camponeses.

Também na narrativa de Asa Branca a angustia originada pelo desprezo da academia a sua identidade camponesa é perceptível, faltam discussões sobre suas raízes,

Aqui a gente vê as coisas totalmente da zona urbana, a gente não vai levar isso pro sítio, até porque a aprendizagem deles vai dificultar, porque vai ter coisas que a gente vai falar da realidade daqui que lá eles não vão entender, então assim, que os professores devam pensar mais nisso também porque

aqui desde quando eu entrei eu não vi ninguém falar sobre o campo, sobre zona rural. Quando vocês falaram do projeto eu até me surpreendi porque eu não tinha ouvido falar nada sobre zona rural aqui não (graduanda do 2º período do curso).

A aflição demonstrada por Asa branca é natural se entendermos o contexto educacional defasado pelo o qual passa o discente do campo, a falta de escolas de qualidade, a distância percorrida para poder estudar, as condições financeiras e o próprio preconceito. Precisamos de uma educação que os levem a desenvolver competências para melhorar seu lugar, torna-lo digno para que todo camponês cresça e permaneça nele.

Corroboramos com Caniello e Tonneau (2006) quando pesam uma educação do campo capaz de desenvolver competências, ou seja, *integração dos múltiplos saberes*² só assim será possível à transformação de consciência desses sujeitos. É na promoção do conhecimento que elesterão capacidade de participarem criticamente da política, da educação e na elaboração de políticas públicas desse país. E ainda, uma formação que conduza o discente campesino de volta a seu lugar de origem com estratégias, com argumentos e coragem para agir nas situações reais de descaso no campo, pois, não cabe formar esses sujeitos para o esquecimento de suas origens, mas lhes dá oportunidades e com elas o direito de escolha, de ficar ou partir.

Ainda convidamos os discentes para passear em suas memórias onde puderam visitar o tempo que estudaram no ensino básico. As lembranças foram surgindo e se organizando e dando forma a histórias de como tinham que caminhar para poder chegar à sala de aula, de como gostavam de estudar ali, que era sua terrinha até a tristeza de ter que sair para concluir o ensino médio na cidade mais próxima.

² Saberes herdados da experiência e da tradição e aqueles provenientes da ciência e da erudição

a gente teve ir que morar na cidade, porque tinha que estudar, e nossa vida escolar no campo também foi um pouco difícil porque a escola era longe, era uma escola isolada, a professora era do magistério, e a sala era multisseriada, então ela tinha que atender 1º, 2º, 3ª e 4ª série, na época ainda era série. E, era um pouco difícil gente tinha que acordar cedo, tipo, cinco e meia, pra tá lá de sete horas porque era longe e as vezes a gente tinha que ir de cavalo ou de carroça, de bicicleta (Licuri).

A educação que Licuri descreve em sua narrativa é comum nas salas de aula da educação do campo desse país, na educação infantil, por exemplo, não se conta às crianças que vindas de assentamentos e que deveriam estar na 4º ano está no 1º ano por não saber ler e nem escrever. O que nos leva a refletir sobre o que está acontecendo com as escolas básicas do campo mesmo depois dos ganhos advindos dos Movimentos Sociais, da Reforma Agrária, do Pedagogia da Terra, e como essa realidade pode vir a refletir no discente camponês que chega a universidade, pois, partimos do princípio que uma boa formação começa no ensino básico. Para Souza (2008).

“A emergência da educação do campo caracteriza-se pela ausência de experiência. É a ausência de escola, de professor com formação consistente para o trabalho nas escolas localizadas nos assentamentos; ausência de técnico-agrícola; ausência de professores” Da ausência, na ação do movimento social, emerge a experiência do Instituto Técnico de Capacitação e Pesquisa da Reforma Agrária (ITERRA), da Pedagogia da Terra, da Educação de Jovens e Adultos, da Ciranda Infantil etc. Ausências de experiência desencadeiam uma prática afirmativa da educação do campo, reafirmada nos encontros estaduais, nacionais e conferências sobre educação do campo (p.1095).

Como diz a autora, entre ausências e experiências, e porque não dizer, entre erros e acertos, vai se construindo a educação

do campo, almejando que seja uma realização cada vez mais com a participação dos homens e mulheres campesinos. É notável que ainda há muito que se fazer e nesse contexto está à universidade, pois é oferecendo uma formação inclusiva preocupada com o homem na sua totalidade humana que a educação direcionada para os filhos e filhas do campo conseguirá ser significativa para eles. Cabe salientar que a inclusão do discente camponês do curso de Pedagogia da UERN perpassa especialmente pela troca entre os saberes, pelo o respeito ao saber popular que esses sujeitos trazem e que fazem parte de suas vidas.

Por isso, uma escola que dê valor ao conhecimento do aluno do campo, mais antes, é preciso conhecê-lo e é na troca entre os saberes, no diálogo entre as culturas que isso acontecerá e nesse momento, serão diluídos preconceitos, que ainda hoje, fazem os discentes vindos do campo se sentirem excluídos.

Eles diziam que não tinha preconceitos, mas a gente sabia que tinha sim. A sala era tipo dividida, o pessoal da zona urbana e zona rural e eles, tipo assim, desvalorizavam a gente, não falavam com a gente, tinha esse desprezo. Só que como a gente se esforçava muito, a gente era assim inteligente, que se esforçava mesmo, que estudava de verdade, aí acontecia de quando tava perto do trabalho em grupo, eles sempre vinham falar com a gente pra entrar no grupo, quando tava perto de prova começava a falar com a gente pra conseguir cola mesmo. Era desse jeito, né enfeitando a história não, mas é assim mesmo, sempre tinha essas coisas (Asa Branca).

A divisão entre o aluno do campo e o aluno da cidade citada por Asa Branca quando estudava no ensino básico é apenas uma das truculências pela qual passa os alunos camponeses, é como se tivessem que provar algo, talvez que não eram capazes de estarem ocupando os bancos da escola. Esses estigmas que rebaixam a imagem do discente camponês a meros “matutos”, povos do mato sem educação, acompanhou esses sujeitos até o ensino superior, como

pode ser visto com as narrativas, claro que a cada vitória sua autoestima ia sendo renovada, já que, a vida no campo, sua lida na terra, os pés sujos de barro são símbolos que diferenciam a cultura camponesa das outras culturas, e se pensarmos bem veremos que um povo sem cultura é um povo miserável, que nada tem para deixar a sua prole. Por isso, que a cultura do campo sirva para caracterizar uma parte da humanidade dando-lhes identidade própria ao invés de rotula-las a ponto de torna real sua exclusão.

Todavia, as memórias das discentes voluntárias da pesquisa “palavramundo” também as transportaram para dias de alegria, de aprendizagens adquiridas no campo. A discente Flor do campo lembra com muito entusiasmo um dos dias de trabalho no cercado, aonde se divertia e ajudava a família no sustento da casa.

Agente plantava feijão, milho, gergelim. O interessante era a quantidade, sempre tinha aquela preocupação do meu pai que dizia “feijão você coloca tantos grãos, pra milho é t/anto” só que criança né, muito traquina, eu louca pra terminar minha vasilha coloca mais, era interessante como eles percebiam quando a planta tava crescendo, por que o milho se não for aquela quantidade não nasce só um pé, ele vai nascer muitos pés no mesmo local, e acaba prejudicando o desenvolvimento do alimento por que não vai tendo espaço suficiente para se desenvolver. Ai meu pai dizia o seguinte, quando tava crescendo as plantas “eu queria saber quem foi o neguinho ou neguinha que colocou semente demais no local que não devia” e todo mundo ficava desconfiado, mais de certo modo ele já sabia que era a gente por que meus irmãos já tinham costume de plantar e nunca tinha acontecido isso só acontecia quando a gente ia (discente do 8º período do curso)

A narrativa de Flor do campo nos leva ao cerne do que constitui a identidade camponesa, o seu trabalho na terra. É a relação que as camponesas e os camponeses desenvolvem com a terra no momento de plantar, de cultivar, de aguar, de cuidado, que os fazem filhos de uma cultura característica do campo. Eles sabem que a ter-

ra é, antes de tudo, a “mãe” que os alimenta, e como toda mãe ela merece o seu respeito e amor. Logo aqui, encontram-se os saberes desse povo, pois, como salienta Claval (2001, p. 80) “No campo e na fazenda, convém saber como e quando laborar, esterroar, semear, tirar a erva, colher, e aprender onde guardar os animais, o que lhes dar para comer, como os ordenhar e os atrelar”.

É saberes que não pode ser deixados de lado pela academia, pelo o professor que também é peça importante nesse processo, afinal, ele transita por meio a diversidade existente na sala de aula, logo, pensar a inclusão dos discentes camponeses sem a intervenção do professor não seria possível, já que, ele é o responsável por mediar os conteúdos e discussões em sala de aula, além disso, mantém contato direto com os alunos, com suas emoções, com suas alegrias e suas tristezas. Por isso, a atuação desse profissional deve ser entendida para além do ensinar, deve ser uma demonstração de amor como diz Freire (1996).

Conclusão

Com a realização da pesquisa concluímos que os encontros, as discussões, o resgate da memória, assim como narrar – se, estimularam os alunos camponeses a pensarem e refletirem sobre sua condição dentro e fora da universidade, sobre suas contribuições e ganhos no mundo acadêmico como sujeitos filhos da terra. Durante todos os encontros, os alunos se mostraram orgulhosos por virem de uma vida difícil no campo, mais muito valiosa por seus valores, costumes, aprendizagens.

Ainda pode-se observar que cada expressão pronunciada pelas discentes soava como uma tomada de consciência de que seus saberes camponeses não são citados em sala de aula por não serem formativos, e sim, por ser dado ao saber científico uma maior valia como se ele somente fosse o responsável pela formação do indivíduo no âmbito da acadêmica. Desse modo, é alimentado nos su-

jeitos em formação um sentimento de rejeição, dificultando dessa maneira a real inclusão camponesa na universidade.

Todavia, também concluímos que o resgate da memória, das lembranças, das experiências vividas por esses educandos sendo conhecidas pela sociedade acadêmica, escolar, urbana, nacional, abre sem dúvida um espaço para conquistas, superações de barreiras, avanços sobre os obstáculos físicos e atitudinais permanentes na universidade.

Referências bibliográficas

CANIELLO, Márcio de Matos. *O Ethos Brasílico: Sociologia histórica da Formação Nacional-1500-1654*. Recife. Tese. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Pernambuco, 2001

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

PEREIRA, Maria Izabel Galvão Gomes. Práticas Educativas, Territórios e Biografização: reflexões a partir da Educação Rural. In: **Tendências da pesquisa (auto) biográfica**/Maria da Conceição Passegi (Org.).- Natal/RN: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2008.

CLAVAL, Paul. *A Geografia Cultural*. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática Pedagógica**. São Paulo, Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2008.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981.

PASSEGI, Maria da conceição. **Narrativas autobiográficas: uma prática reflexiva na formação docente**. In: Colóquio Nacional da AFIRSE. Bahia/UNB, 2003.

MARQUES, M. I. Medeiros. A atualidade do uso do conceito de camponês. *Revista NERA*, São Paulo, vol. 11, n. 12, p. 57-67 jan./jun. 2008. Disponível em: <<http://revista.fct.unesp.br/index.php/nera/article/viewFile/1399/1381>> Acesso em: 20 maio. 2013.

SOUZA, M. A. de: Educação do Campo: políticas, práticas pedagógicas e produção científica, *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 29, n. 105, p. 1089-1111, set./dez. 2008. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>> Acesso em: 20 maio. 2013.